

As folhas-volantes na história do jornalismo lusófono: a construção do formato noticioso antes do advento da periodicidade¹

Eduardo COMERLATO²

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

RESUMO

Com o objetivo de estudar os primórdios do jornalismo em língua portuguesa, a presente pesquisa resgata o fenômeno da publicação de notícias avulsas e ocasionais produzidas em Portugal durante os séculos XVI, XVII e XVIII. Também conhecidas como folhas-volantes, elas podiam circular de forma manuscrita ou impressa, narrando um acontecimento por publicação através de textos com traços jornalísticos. Entre seus temas, que eram capazes de atingir ampla difusão, costumavam abordar eventos relevantes para as comunidades locais, informando os leitores de maneira esporádica sobre guerras, temas religiosos, cataclismas, celebrações, assuntos da corte e fenômenos além-mar. Assim, este gênero jornalístico precedeu e também co-existiu com as primeiras gazetas periódicas, apresentando um rico contexto sociocultural que fez parte dos primeiros passos da prática jornalística na comunidade lusófona. Afinal, foi a partir das folhas-volantes que a sociedade portuguesa passou a conviver, pela primeira vez em sua cronologia, com uma maior produção e circulação de discursos noticiosos.

Aqui, cabe apontar que o movimento das folhas-volantes não foi, exatamente, uma exclusividade lusitana. De acordo com Ettinghausen (2015), trata-se de um fenômeno pan-europeu, com um aparição similar do formato em diferentes países, mas com nomes distintos: *folhas-volantes* ou *relações*, em Portugal; *relaciones de sucesos*, na Espanha; *avvisi*, na Itália; *occasionnels*, na França; *news pamphlets*, na Inglaterra e *Zeitungen*, na Alemanha. Embora seja difícil definir um marco inicial preciso, acredita-se que os primeiros exemplares tenham surgido na Itália, onde, a partir de 1470, textos informativos podiam ser encontrados em circulação, os quais tratavam de temas como a “queda de Constantinopla e do Império Romano do Oriente (...) e os subsequentes avanços dos turcos otomanos pelo Mediterrâneo oriental” (SOUSA, 2007,

¹ Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 16 a 18 de junho de 2022.

² Doutorando do Curso de Comunicação Social da PUCRS, e-mail: educomerlato@hotmail.com. Orientando do Prof. Dr. Antonio Hohlfeldt (PUCRS), e-mail: a_hohlfeldt@yahoo.com.br.

p. 3). Todavia, apesar dos nomes e idiomas distintos, as folhas-volantes costumavam apresentar conceitos padrões nos diferentes países: eram obras impressas geralmente no formato de opúsculo e que abordavam um único acontecimento por publicação, narrando os detalhes do ocorrido, bem como suas possíveis causas e consequências.

Entre os temas que mais apareciam, particularmente em Portugal, nota-se uma certa proximidade com os valores-notícia que viriam se sedimentar na prática jornalística dos anos seguintes, uma vez que tínhamos histórias reais sobre fatos considerados relevantes para a população da época, com destaque para as novidades que envolviam a Corte Real, os detalhes das batalhas com as tropas lusitanas, a descrição de importantes cerimônias religiosas regionais e os assuntos de expansão marítima (TENGARRINHA, 2013). Como exemplo, temos a “Relação da Muito Notável Perda do Galeão Grande São João”, que narra um naufrágio ocorrido na costa sul-africana em 24 de Junho de 1552. Da mesma forma, a “Relação da vitória que os portugueses alcançaram em Malaca”, impressa em Lisboa em 1630, traz ares jornalísticos ao contar sobre um conflito bélico ocorrido na região da Malásia.

Dentro dos discursos, alguns outros elementos jornalísticos se manifestavam. O mais evidente deles envolve as condições de produção das narrativas, que eram movidas por um grande intuito em comum: o desejo de informar. Ao estudar as histórias de naufrágios dos séculos XVI e XVII, um dos temas mais populares dentro do gênero das relações, Domingues (2016, p. 2-3) visualiza grandes capacidades informativas na medida em que os textos revelam as políticas portuguesas do período e contextualizam fielmente os acontecimentos e o cotidiano, buscando clareza, objetividade e precisão ao contar suas histórias. Para ele, as representações manifestam as chamadas “teorias elementares do jornalismo” (DOMINGUES, 2016, p. 12), descrevendo fielmente as cenas e os personagens envolvidos, com explicações que apresentam as causas dos ocorridos ao leitor. O mesmo pensamento também é compartilhado por Sousa (2007), que entende que o formato das relações antecipa o jornalismo moderno ao se comprometer em informar, de maneira detalhada e fidedigna, sobre fatos relativamente atuais e considerados próximos do público.

Além do mais, também nota-se a preocupação que os editores e impressores tinham em vender as notícias, especialmente no que concerne às narrativas impressas. Ainda que seja complexo traçar a recepção dos textos, Tengarrinha (2013, p. 41) é

categorico ao apontar que, além das relações poderem contar com mais de uma edição de impressão, suas tiragens eventualmente ultrapassavam o milhar de exemplares. Para ele, isso era alavancado, entre outros fatores, pelo interesse do público e pelo fato de que os estúdios tipográficos buscavam um custo baixo de produção, realizando a impressão em um papel grosseiro e com pouco cuidado gráfico, o que permitia a venda em valores reduzidos. Desse modo, na qualidade de outra característica jornalística, era visível o interesse dos estúdios e escritores em lucrar através da venda de informação, havendo também uma preocupação em tornar as relações em uma “literatura popular” (TENGARRINHA, 2013, p. 39), justamente para atrair leitores de diferentes camadas sociais. No entanto, esse detalhe frequentemente gerava críticas, pois haviam autores que acabavam produzindo discursos puramente sensacionalistas, o que comprometia a credibilidade do gênero.

Tratando-se das capacidades de distribuição, as relações eram vendidas de maneira numerosa nas oficinas tipográficas e em feiras que ocorriam nas ruas de cidades como Lisboa (TENGARRINHA, 2013, p. 41). Em relação às histórias de naufrágios, Lanciani (1990, p. 70) as reconhece como “verdadeiros best-sellers do século XVI”, argumentando que um novo tipo de comércio prosperou na época: o formado por escritores e impressores, que “fizeram excelentes negócios especializando-se nesse gênero de publicações”, enquanto tratavam de estimular a “curiosidade do público com relatos sempre novos, cada vez mais dramáticos” (LANCIANI, 1990, p. 71). Outro fator que aumentava a popularidade das relações era o fato de que as notícias comumente eram “lidas em lugares públicos para indivíduos que pagavam uma determinada quantia ao leitor” (SOUSA, 2007, p. 2), o que permitia que os acontecimentos circulassem oralmente, inclusive entre o alto número de analfabetos do período.

Portanto, entre os problemas que são responsáveis por conduzir a pesquisa, temos o interesse em investigar como as folhas-volantes podem ter colaborado na construção do conceito de “notícia”, que viria a se consolidar com a criação dos periódicos dos anos seguintes, como a Gazeta da Restauração, que circulou em Portugal a partir de 1641. Desse modo, o trabalho emprega estudos empíricos de vertentes descritivas e qualitativas, como a análise de conteúdo (BARDIN, 2016; BAUER, 2002; HERSCOVITZ, 2010) e o método comparativo (HOHLFELDT, 2008). A ideia está em

identificar, através de análises e comparações, tendências que possam evidenciar o fenômeno como um todo. Para isso, houve a escolha de um corpus de pesquisa através das digitalizações disponibilizadas na Biblioteca Nacional Digital de Portugal, buscando atender aos ideais de representatividade.

Desde já, as principais contribuições do trabalho evidenciam como o formato das folhas-volantes serviu de referência para os gêneros subsequentes, realizando uma transição entre os tradicionais livros impressos e os periódicos que viriam a surgir nos séculos XVII e XVIII, como as gazetas e os mercúrios. Assim, este foi um passo necessário para a idealização dos conceitos jornalísticos em língua portuguesa, e cabe apontar que, em muitos fatores, as folhas-volantes podem ser vistas enquanto antepassadas do atual gênero das reportagens, trazendo discursos sobre acontecimentos de interesse público de maneira aprofundada. Enfim, um legítimo prenúncio do que viria a ser jornalismo moderno, mesmo que antes da chegada da imprensa periódica em terras portuguesas.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; história do jornalismo; comunicação social; folhas-volantes; jornalismo lusófono.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Marialva. Como escrever uma história da imprensa?. In: **Grupo de trabalho – História do Jornalismo**, II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, Florianópolis, 2004.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BAUER, Martin W.. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Orgs). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 189-217.

BRITO, Bernardo Gomes de. **História trágico-marítima**. Rio de Janeiro: Lacerda Editores: Contraponto Editora, 1998.

COMERLATO, Eduardo. Entre descobertas e naufrágios: as contribuições das Grandes Navegações para o desenvolvimento do jornalismo ibérico. In: **Intercom – 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2021.

DOMINGUES, Juan. As narrativas portuguesas sobre naufrágios e o texto do jornalismo literário. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, v. 23 (4), 2016.

ETTINGHAUSEN, Henry, Relaciones internacionales las relaciones de sucesos, un fenómeno paneuropeo. In: LÓPEZ, J. G.; BOADAS, S. (org.) **Las relaciones de sucesos en los cambios**



políticos y sociales de la Europa Moderna. Editora Universitat Autònoma de Barcelona, Girona, 2015, p. 13-27.

HERSCOVITZ, Heloiza. Análise do Conteúdo em Jornalismo. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (Org.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo.** Petrópolis: Vozes, 2010. p. 123-142.

HOHLFELDT, Antonio. Correio Braziliense e Gazeta do Rio de Janeiro: comparações e influências. **Estudos em Jornalismo e Mídia** 5(2), 2008, p. 12-26.

HOHLFELDT, Antonio. As origens antigas: a comunicação e as civilizações. In: HOHLFELDT, A.; MARTINO, L. C. e FRANÇA, V. V. (Orgs.). **Teorias da Comunicação.** Petrópolis: Editora Vozes: 2001.

LANCIANI, Giulia. Uma história trágico-marítima. IN: CHANDEIGNE, Michel (org.). **Lisboa ultramarina, 1415-1580: a invenção do mundo pelos navegadores portugueses.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

MARQUES DE MELO, José. **História do Jornalismo:** itinerário crítico, mosaico contextual. São Paulo: Paulus, 2012.

SOUSA, Jorge Pedro (coord.) et al. **A gênese do jornalismo lusófono e as Relações de Manuel Severim de Faria.** Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2006.

SOUSA, Jorge Pedro. As relações de naufrágios do século XVI e a gênese do jornalismo lusófono, in SOUSA, Jorge Pedro e PINTO, Ricardo Jorge (Orgs.). **Actas das II Jornadas Internacionais de Jornalismo: Porquê Estudar o Jornalismo?.** Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2007.

SOUSA, Jorge Pedro. Uma história breve do jornalismo no ocidente. Em: **Jornalismo, história, teoria e metodologia** – perspectivas luso-brasileiras, Porto, Universidade Fernando Pessoa, 2008.

SOUSA, Jorge Pedro. **A Relação da Muito Notável Perda do Galeão Grande São João e a gênese do jornalismo lusófono.** Universidade Fernando Pessoa; Centro de Investigação Media & Jornalismo. 2009. Disponível em:
<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-jornalismo-lusofono.pdf>. Acesso em: 20 de outubro de 2021.

SOUSA, Jorge Pedro. Gazeta da restauração (1641-1642) – a introdução do periodismo noticioso em Portugal. In J. P. SOUSA, **Notícias em Portugal:** Estudos sobre a imprensa informativa (séculos XVI-XX), p. 27-50, Lisboa: ICNOVA, 2018.

TENGARRINHA, José. **Nova História da Imprensa Portuguesa:** das origens a 1865. 1a ed. Lisboa: Editora Temas e Debates, 2013.